

**RESENHA: BAUMAN, ZYGMUNT. *VIDA LÍQUIDA*. TRADUÇÃO:  
CARLOS ALBERTO MEDEIROS. RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR,  
2007.**

**Thiago Maciel de Paiva Costa**

Mestrando em Direito pela Universidade de Marília – UNIMAR. Professor na Graduação do Curso de Direito da Faculdade da Amazônia Ocidental – FAAO, Acre (Brasil).

E-mail: [tmpcosta@hotmail.com](mailto:tmpcosta@hotmail.com).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2145151983728774>.

---

Zygmunt Bauman é um sociólogo polonês e professor emérito de sociologia das Universidades de Leeds e Varsóvia, cujo escopo literário é o estudo da “modernidade líquida”. Entre seus trabalhos produzidos, encontram-se obras que versam sobre variados temas: do amor ao holocausto; da globalização à identidade. Na vida pessoal, livros e artigos do autor já foram censurados; além disso, ele foi afastado da faculdade que lecionava – contexto que transmite um “peso” aos escritos sobre a pós-modernidade.

A obra *Vida Líquida* trata sobre como a sociedade de consumo na era pós-moderna é modulada. Cada pensamento expressado pelo autor gera um incômodo no leitor, pois desvela uma faceta da sociedade que, malgrado conhecida pelos homens, os coloca em imersão tão profunda em seus preceitos que as mazelas decorrentes deste modo de vida passam – quase na integralidade do tempo – despercebidas. Sem embargo, depois de apresentar toda a angústia mundana, o autor finaliza, com um certo [e surpreendente] tom otimista: que é possível mudar o rumo da sociedade atual que, se seguido, levará a humanidade invariavelmente ao abismo.

O livro é dividido em sete capítulos, que abordam, por perspectivas distintas, a vida de uma sociedade marcada pelo consumismo exacerbado. Inicialmente, é preciso asseverar que, nas palavras do autor, “a ‘vida líquida’ é uma forma de vida que tende a ser levada à frente numa sociedade líquido-moderna” (fl. 7). Por seu turno, sociedade líquido-moderna é aquela marcada pela velocidade das mudanças sociais, que impõe duas únicas opções aos seres humanos: transformar-se, com a mesma celeridade que o consumo produz lixo, ou ser aniquilado.

O primeiro capítulo trata sobre o que se entende por indivíduo e como ele está sitiado pela escolhas do mercado. Neste ponto, desvela-se o constante conflito existente entre segurança e liberdade.

Esclarece o autor que a busca pela individualidade e, no mesmo patamar, da identidade “singular” de cada um dos habitantes da sociedade pós-moderna tem se demonstrado, concomitantemente, como fator de liberdade e obrigação contínua. Ora, se o propósito da vida é encontrar o seu “eu interior”, deixar de fazê-lo é ficar parado; e ficar parado, numa sociedade cujo valor das pessoas é medido pela velocidade com que se movem, significa o perecimento.

Nestes termos, a procura pela identidade tornara-se uma sucessiva troca de bens. Somente os bens de consumo podem dotar os indivíduos – que são tudo, menos singulares – de identidade que corresponda à tão perseguida individualidade. Destarte, a busca pelo exercício de suas escolhas só pode ocorrer mediante sucessivas mudanças (devidamente oferecidas, a um preço, pelo mercado). Caso o homem não consiga provar sua habilidade em descartar objetos (coisas e pessoas) ultrapassados, ele então é que será ultrapassado pelas rápidas mudanças que o mundo demanda.

A identidade é formada pelo conjunto de bens que compõe cada uma destas partes do quebra-cabeça. Porém, dada a velocidade do mundo pós-moderno, este enigma se modifica antes mesmo que possamos completá-lo. Só é possível expressar-se – e, assim, encontrar o seu “verdadeiro eu” – através das mercadorias que formam o coquetel identitário; àqueles que não possuem meios de arcar com estes caros ingredientes, sobram apenas os restos [indesejados e indesejáveis] que os “viventes” da sociedade líquida transformam em lixo.

Os indivíduos modernos procuram atingir, simultaneamente, a liberdade e segurança. Conquanto ambos sejam necessários a uma “vida digna”, é praticamente inconciliável a obtenção concomitante destes ideais. Quando falta segurança, a liberdade não pode ser plenamente exercida; em contrapartida, se falta a liberdade, a segurança nada mais é do que um cativeiro que nos elucida a posição de prisioneiros da existência material. Não obstante o estado de escravidão [total ou parcial] que a segurança sem liberdade proporciona, o decurso do tempo nesta condição pode transparecer a ideia de normalidade. Se esta for a única realidade vivida, a outorga de liberdade pode se tornar um fardo pela imposição de novos deveres.

Liberdade e segurança se entrelaçam e conflitam. Aos beneficiários da globalização, a extrema liberdade é a razão e fundamento da segurança por eles vivenciada, enquanto as vítimas sentem que a segurança foi vilipêndia pela liberdade alheia descomedida. Assim, a

liberdade encontra dois polos: ela pode expandir os horizontes e garantir a escolha efetivamente desejada ou, em sentido oposto, oprimir um sujeito e forçá-lo à adoção duma “escolha” involuntária.

A obra aborda, em seu segundo capítulo, as figuras de mártires, heróis e celebridades. Demonstram-se as modificações sociais que determinaram a mudança de paradigma entre estas pessoas de referência. Inicialmente, o autor aduz que “nós” não conseguimos compreender com facilidade (se é que conseguimos compreender) como é possível que os “outros” acreditem na legitimidade de se sacrificar por uma causa. Furtando-se desta difícil apreensão, ordinariamente são impostas as pechas de “fanáticos” ou “iludidos” aos que tomam estas atitudes.

Sem embargo, os mártires são sujeitos que decidem enfrentar uma maioria, sem ao menos conhecer previamente se seu sacrifício será devidamente respeitado e louvado – aliás, nem mesmo podem ter certeza que isto ocorrerá. Ser mártir é dar a sua vida por uma causa, conquanto inexista certeza acerca do quão “contributivo” foi este sacrifício ao eventual êxito da causa. Numa lógica pragmática pode parecer improdutivo o martírio, tendo em vista haverá uma diminuição imediata do contingente pessoal engajado na finalidade pretendida. Isto é, cada ato suicida realizado no movimento *jihadista*, por exemplo, tem o condão de diminuir – naquele exato momento – a quantidade de membros devotos à causa motivadora do sacrifício. Esta diminuição, ademais, é escolhida sem que haja certeza que o ato agregará novos membros às fileiras do movimento. Assim, o martírio significa unicamente a morte pela devoção a preceitos (morais, religiosos, filosóficos etc.), despida de qualquer pretensão contributiva.

Por seu turno, os heróis buscam algum tipo de recompensa pelos seus atos. Para estes, só vale a pena perder a vida quando a morte propiciar resultados mais satisfatórios que a soma das experiências a serem vivenciadas na Terra. A morte deles deve efetivamente contribuir para evolução da causa, pois, de outro modo, este sacrifício terá sido em vão.

A sociedade líquido-moderna prescinde de mártires e heróis. O ápice da vida não está em morrer. Heróis e mártires cedem espaço às celebridades. Inexiste, nesta sociedade, causa mais relevante que a satisfação pessoal: não há qualquer motivo para acreditar que o bem-estar do grupo é dotado de importância superior ao bem-estar individual. Além disso, a devoção dos mártires e os ganhos futuros almejados pelo heróis, não se compatibilizam com os desejos imediatos da sociedade de consumo – o lucro (preferencialmente pecuniário) deve ser satisfeito no presente, e não fazer parte de expectativas futuras.

As celebridades são mais adequadas ao período atual. São produtos da notoriedade como meio e fim de si mesmo: são sujeitos conhecidos apenas e exatamente por serem reconhecidos. Numa sociedade líquida, as celebridades surgem do nada para, então, sumirem em lugar algum – são seres acompanhados por uma efemeridade comum da liquidez mundana; assim, são também produtos e mercadorias sujeitas ao consumo. Como os demais objetos, estão fadadas ao lixo: a duração de suas carreiras é tão longa quanto seja o interesse cativado – sem profundidade – naqueles que momentaneamente lhe veneram. A celebridade de ontem é o anônimo de amanhã (e vice-versa).

O autor trata sobre a cultura de uma vida líquida no terceiro capítulo do trabalho: o que ela efetivamente representa e quais são seus valores marcantes. O termo cultura alberga em si uma noção de desigualdade; diferencia os instruídos dos ignorantes e os dominadores dos dominados. Bem assim, a finalidade do exercício de cultura humana é transformar a sociedade em algo diferente do seu estado momentâneo – e também daquilo que viria ser caso não houvesse esta interferência.

Quando algo [ou mesmo alguém] é adornado com o adjetivo “cultural”, significa que a sua durabilidade transcendeu a sua funcionalidade. Isto é, a sociedade considera-o não só por sua finalidade intrínseca, mas também por motivos externos que lhe outorgaram um “valor” não imediatamente definido por sua função física ou social. Bem... pelo menos costumava ser assim.

O mercado de consumo tem buscado moldar de maneira cogente a forma como compreendemos – e existimos – (n)o mundo. A permanência de um bem está intimamente ligada à sua capacidade de manter-se gerando lucro. Na sociedade líquida, é o mercado que decide o valor cultural de algo: vender bem é sinal de êxito; qualquer outro resultado é imperativo do fracasso. A batalha torna-se ainda mais árdua porque, na vida pós-moderna, a novidade possui um “valor” superior à permanência. Nestes termos, é cada vez mais complicado que um objeto detenha uma durabilidade maior que a sua própria funcionalidade; todos os bens devem seguir, num ritmo frenético, o curso natural do consumo: da prateleira ao lixo, tão logo perca o *status* de objeto de desejo e se torne, rapidamente, algo cujo apego é motivo de vergonha.

Durante o quarto capítulo o autor faz menção à procura de refúgio na Caixa de Pandora, cujas referências básicas são o medo, a (in)segurança e a cidade. A sociedade líquida vive constantemente apavorada. Não há mais segurança sobre fator algum: relacionamentos, trabalho, classe social, política... tudo muda; e muda muito rápido. O progresso de hoje,

antigo aliado da civilização, bate à porta dos cidadãos (assustados) lhes recordando que, a qualquer instante, podem ser deixados para trás.

Aqueles mais abastados, procuram – conquanto paliativamente – se proteger dos perigos visíveis e invisíveis; submetem-se a novas dietas, reforçam seus carros e adicionam fechaduras às moradias. Criada esta demanda por segurança, tornou-se necessário ofertar produtos capazes de saciar esta fome: não somente bens de consumo, mas também ações políticas, religiosas, filosóficas e sociológicas.

Insta ressaltar que as cidades, outrora bastiões da segurança, com suas muralhas e fossos intransponíveis, atualmente representam o exato oposto disso. Os limites territoriais da urbanidade não mais separam a “civilização” da “barbárie”; a violência e, conseqüentemente, o medo são habitantes cativos destes locais. Neste diapasão, eclode a proliferação de ambientes fechados dentro das cidades – muros dentro de muros. Estes instrumentos de proteção são promovidos (e também promovem) por um lucrativo mercado de consumo, que se reinventa com a celeridade típica da liquidez moderna: precisa-se de novos produtos para salvar-se de novos perigos; ou será que se precisa de novos perigos para se venderem novos produtos?

É impossível desvencilhar o perigo do risco, contudo, eles despertam reações distintas; o perigo faz despontar o medo em sua forma mais pura, enquanto o risco tem aptidão peculiar: inobstante o medo gerado, ele é capaz de mover esperança, pois parte dos ganhos nascem da assunção de riscos, independentemente das ameaças que pairam nestas questões.

Assim são as cidades contemporâneas: proporcionam oportunidades e perigos, os ganhos [ou perdas] passam pelo processo de cada um dos habitantes em lidar com o risco – quanto mais habilidoso ele for, mais mercadoria poderá utilizar e menos mercadoria o será. Quanto mais rápido se mover, menor a chance de ser deixado pra trás; dependendo da sua velocidade, poderá, inclusive, sair do lugar.

O foco do quinto capítulo é diretamente o consumidor na sociedade líquido-moderna. Dá-se especial atenção à vida de consumo, ao corpo de consumo e à infância de consumo. A finalidade proclamada de uma sociedade de consumo é a satisfação dos desejos humanos. Sem embargo, o consumismo somente prospera enquanto não houver a completa satisfação dos desejos. Bem assim, o sucesso do modelo consumo na sociedade líquido-moderna está na criação sucessiva de desejos, em que a obsolescência de um produto deve ser tão curta quanto o surgimento de uma nova meta do consumidor – o desejo de ontem nada mais é do que lixo de hoje, que se junta às infindáveis pilhas já coletadas durante o curso da vida.

Para se manter próspero, o mercado tem que, a cada desejo realizado, fazer surgir no consumidor um novo desejo/necessidade/vontade, até o ponto em que estes novéis sentimentos se transformem em incontrolável compulsão. Nestes termos, a frustração do consumidor é essencial para o sistema, pois, somente assim, as buscas por novas soluções [milagrosas] recomeçam.

Uma vez que a sociedade de consumidores se molda pelo consumo irrestrito, a única maneira de “valorar” cada um dos membros é através dos objetos que eles possuem. O “desvalor” de alguém é continuar apegado a algo [ou alguém] que agora é lixo; os novos padrões do que se deve almejar são rapidamente modificados, a velocidade consumista determina o que se deve usar e o que não mais pode ser usado: obsolescência programada dita o ritmo da sociedade.

O bem-estar do corpo é o objetivo material do consumista; este é o critério que reforça ou rechaça a utilidade de um bem de consumo. A ansiedade em otimizar o próprio corpo demanda a criação de objetos para saciar este sentimento, contudo, os mercados de consumo alimentam a ansiedade, ao mesmo tempo em que são alimentados por ela. Vale dizer, o mercado de consumo não procura satisfazer desejos, porém criar novos desejos e necessidades que, invariavelmente, precisarão ser “saciados” por objetos surgidos deste mesmo mercado. Todos os dias surgem novas dietas infalíveis e inéditos aparelhos imprescindíveis ao corpo perfeito.

O corpo, além de parâmetro avaliativo dos produtos do consumo, é ele mesmo um objeto de consumo. Ele procura a “boa forma”, porém esta forma nunca será boa o suficiente, é sempre possível aprimorá-la e, certamente, o mercado oferecerá os produtos indispensáveis para a nova insatisfação que está por vir (pelo menos àqueles que possam pagar o preço certo). Cada alvo atingido é apenas um degrau na escada sem fim; cada passo dado se soma aos anteriores; cada novo degrau atingido revela que há outro além do pensava-se ser o cume; cada novo passo só mostra que há um caminho maior que o imaginado ainda a ser percorrido: somente a constante insatisfação pode servir à vida líquida.

Este panorama regido pelo mercado de consumo atingiu fatores outrora entendidos como sacros: os filhos. Ter um filho significa basicamente crescer mais um número ao total de consumidores; as crianças não contribuem para a renda familiar [ao menos não para somá-la]. Bem assim, os filhos representam um “passivo” no orçamento de seus pais – tê-los implica em relegar outros desejos materiais ao segundo plano, atrasando-os ou impossibilitando-os.

As crianças são moldadas à imagem dos adultos que lhes cercam e constantemente – ainda que nem sempre de forma consciente – lhes influenciam. Superada a sociedade dos produtores, vive-se numa sociedade de consumidores, de forma que a criação dos infantes deve ser adequada para lhes inculcar as diretrizes básicas da vida líquida: a fascinação pela novidade (desapago ao passado) e a compulsão em adquirir os objetos capazes de estimular as necessidades do porvir. Inevitavelmente, a sociedade de consumo produz novos consumidores.

O tema do sexto capítulo é “aprendendo a andar sobre a areia movediça”. Esta parte da obra reforça as inseguranças vividas e alude como a educação se insere nas mudanças pós-modernas. O processo educacional não ficou imune às modificações acarretadas pela vida líquida. A velocidade com que a sociedade se move demanda que a aprendizagem se renove constantemente e assim seja por toda a vida. O único conhecimento que importa é o renovado que, em certos casos, tenha também a capacidade de esquecer lições do ontem, pois isto deixou de ser importante com a chegada do presente – que, invariavelmente, perderá seu foco pela sucessão do futuro.

No estágio de vida atual, o diploma de graduação não garante o exercício da profissão até o final da vida: a uma, porque a própria atividade pode ser extinta pela avassaladora força de mudança; a duas, porque o conhecimento que não sofrer constante mudança, evolução e renovação está fadado a se tornar também lixo numa sociedade ávida por velocidade.

Não obstante a infundável necessidade de capacitação seja instigada pelo Estado e pelo mercado, estes agentes eximem-se do ônus de ofertar estes serviços às pessoas. A capacitação requerida pela sociedade consumista tende ao crescimento do lucro, descuidando dos desejos e necessidades internas daqueles que são compelidos à “educação”. Neste capítulo, o autor ressalta que a educação deve ser efetivamente para o resto da vida. Contudo, ela não pode se restringir à finalidade de abastecer o mercado de trabalho. Deve também ser voltada à cidadania. A educação precisa ser abastecida não somente por consumidores, mas por cidadãos.

Vale dizer, a apatia pela política tem retirado, pouco a pouco, a qualidade de cidadão das pessoas numa sociedade líquida. A educação ao longo da vida possibilita que as pessoas tenham o poder escolha; em verdade, mais que isso, esta educação permite que subsistam condições para que ainda seja possível escolher.

Em seu último capítulo da obra, Bauman (re)visita Hannah Arendt e Theodor Adorno. Faz-se menção também às manifestações de Bertold Brecht, de que se vive em tempos

sombrios; tempos em que os indivíduos se retiram da política e da esfera pública, abdicando (ainda que não percebam) do exercício de uma das liberdades democráticas mais básicas.

No passado, o medo que assombrava a população era o da mudança; nos dias atuais, o maior medo é o da estagnação, o de ser deixado para trás porque não mudou rápido o suficiente. Essa constante celeridade não permite que o futuro seja ponderado com bases sólidas.

Este é o momento em que o autor revisita assuntos dos capítulos anteriores. Enuncia-se a necessidade de fortalecimento da participação popular na política, a (re)ocupação dos espaços públicos e o reconhecimento de que todos os humanos compartilham o mesmo planeta, desta forma, a responsabilidade pela solução de problemas globais é titularizada indistintamente pelas pessoas: nenhum problema pode ser regionalizado; nenhuma degradação pode ser indiferente aos indivíduos da sociedade. Problemas globais demandam soluções também globais, que provavelmente serão muito diferentes de tudo que os humanos estão acostumados até hoje.

A leitura da obra é fascinante; a cada parágrafo o leitor é lembrado de seu papel na sociedade de consumo e numa vida líquida. Instado ao pensamento crítico, o leitor questiona-se até que ponto é produto e quanto tem se deixado imergir no consumismo.

Decerto o instiga a formação de pensamento crítico no leitor, principalmente quando a compulsão do consumismo é reforçada e grandes mazelas são deixadas à mostra: aquilo que apetecia antes de ontem, foi jogado ontem no lixo, para ser hoje substituído por algo que não mais servirá amanhã.

A sociedade pós-moderna transformou os humanos em seres famintos por novos produtos. Mas não foi somente isso, os próprios humanos foram transformados em produtos, cuja relevância somente existe enquanto forem úteis aos fins propostos: não há mais finalidade em si mesmo, qualquer pessoa é vista meramente como instrumento de outra; qualquer um tem o mesmo ciclo de uma mercadoria – da prateleira ao lixo.

A maior relevância do livro é incentivar o pensamento global sobre os problemas decorrentes da vida líquida e, desta forma, buscar soluções para evitar que este estilo de vida consuma o planeta inteiro. Deve-se impedir que a corrida pelo lucro irrestrito e rápido faça do mundo e dos humanos meros danos colaterais: a forma de se viver precisa ser (re)pensada.